

FAROL

Comentário do Pe. Raniero Cantalamessa, OFM Cap., pregador da Casa Pontifícia, sobre a Liturgia da Palavra do próximo Domingo.

XXII Domingo do Tempo Comum

Jeremias 20, 7-9; Romanos 12, 1-2; Mateus 16, 21-27

Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me

No evangelho deste domingo escutamos Jesus, que diz: «Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la.

O que significa «renunciar a si mesmo»? E mais, por que se deve negar a si mesmo? Conhecemos a indignação que suscitava no filósofo Nietzsche esta exigência do Evangelho. Começo por responder com um exemplo. Durante a perseguição nazi, muitos combóios carregados de judeus partiam de todas as partes da Europa para os campos de extermínio. Eram convencidos a embarcar por falsas promessas de serem conduzidos para lugares melhores para o seu bem, enquanto que, ao contrário, eram levados para a destruição. Às vezes, acontecia que em alguma paragem do comboio, alguém que sabia a verdade gritava às escondidas para os passageiros: Desçam, fujam. E alguns conseguiam.

O exemplo é um pouco forte, mas expressa algo sobre a nossa situação. O trem da vida no qual viajamos vai para a morte. Sobre isso, ao menos, não há dúvida. Nosso eu natural, sendo mortal, está destinado a terminar. O que o Evangelho nos propõe quando nos exorta a renunciar a nós mesmos e a descer deste trem é subir no outro que conduz à vida. O trem que conduz à vida é a fé n'Ele, que disse: «Que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá».

Paulo havia realizado este «transbordar», e descreve-o assim: «Já não sou eu quem vive, mas é Cristo que vive em mim». Se assumimos o eu de Cristo, convertemo-nos em imortais, porque Ele, ressuscitado da morte, já não morre. Isso é o que significa as palavras que escutamos: «Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la». Portanto, está claro que negar-se a si mesmo não é uma operação autolesionadora e renunciadora, mas o golpe de audácia mais inteligente que podemos realizar na vida.

Mas devemos fazer imediatamente uma precisão: Jesus não nos pede para renegar o «que somos», mas «aquilo no que nos convertemos». Nós somos imagem de Deus, somos, portanto, algo «muito bom», como disse Deus mesmo no momento de criar o homem e a mulher. O que temos que renegar não é o que Deus fez, mas o que nós fizemos, usando mal a nossa liberdade. Por outras palavras, as tendências más, o pecado, todas essas coisas que são como incrustações posteriores sobrepostas ao original.

FAROL

Há alguns anos, descobriram-se no fundo do mar, no mar Jónico, duas massas informes que tinham uma ligeira semelhança com corpos humanos e que estavam recobertas de incrustações marinhas. Foram trazidas para a superfície e limpas pacientemente. Hoje são os famosos «Bronzes de Riace» (estátuas gregas de grande beleza, que representam dois homens, e que estão datadas no século V antes de Cristo, N. do T.) no museu de Reggio Calábria, e estão entre as esculturas mais admiradas da antiguidade.

São exemplos que nos ajudam a entender o aspecto positivo que há na proposta do Evangelho. Nós parecemo-nos, no espírito, a essas estátuas antes da sua restauração. A bela imagem de Deus que deveríamos ser está recoberta de sete estratos que são os sete pecados capitais. Talvez seja conveniente trazê-los à memória: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça. São Paulo chama esta imagem desfigurada de «imagem terrestre», em oposição à «imagem celeste», que é a semelhante a Cristo.

«Renunciar a si mesmo» não é portanto uma operação para a morte, mas para a vida, para a beleza e para a alegria. Consiste também em aprender a linguagem do verdadeiro amor. Imagine, dizia um grande filósofo do século passado, Kierkegaard, uma situação puramente humana. Dois jovens se amam. Mas pertencem a dois povos diversos e falam duas línguas completamente distintas. Se o seu amor quer sobreviver e crescer, é necessário que um dos dois aprenda o idioma do outro. Caso contrário, não poderão comunicar-se e o seu amor não durará.

Assim, comentava, sucede entre Deus e nós. Nós falamos a linguagem da carne, ele o do espírito; nós o do egoísmo, ele o do amor. Renunciar a si mesmo é aprender a linguagem de Deus para podermos comunicar com Ele, mas é também aprender a língua que nos permite comunicar entre nós. Não somos capazes de dizer «sim» ao outro, começando pelo próprio cônjuge, se não formos capazes de dizer «não» a nós mesmos. No âmbito do matrimónio, muitos problemas e fracassos do casal resultam do facto de o homem nunca se ter preocupado em aprender o modo de expressar o amor à mulher, e a mulher o do homem. Também quando fala de renunciar a si mesmo, o Evangelho, como pode ser visto, está muito menos afastado da vida do que as pessoas acreditam.